

Ana Paula Corti e Maria Virgínia de Freitas
Sociólogas, assessoras do Programa Juventude da Ação Educativa e
responsáveis pelo Projeto Culturas Juvenis, Educadores e Escola

Culturas juvenis, educadores e escola: avanços e impasses na construção do diálogo

AÇÃO EDUCATIVA



Ação Educativa desenvolve, desde 1999, o Projeto Culturas Juvenis, Educadores e Escola, uma iniciativa que visa construir alguns caminhos que tornem a escola positivamente mais significativa para os jovens.

Diversos estudos apontam a inadequação da escola à realidade de seus alunos jovens, mostrando que o universo das experiências juvenis é muitas vezes ignorado ou até negado pela educação escolar (Dayrell, 2002).

Essa distância entre o “mundo escolar” e o “mundo juvenil” tem ocasionado uma perda progressiva da capacidade de a escola gerar referências significativas para a vida dos jovens que a frequentam. Como signos dessa situação, observamos o desinteresse e a desmotivação dos alunos, o recrudescimento da violência em ambiente escolar e a precarização da qualidade de ensino como um todo. Os profissionais da educação também se ressentem com esse processo, pois já não conseguem alcançar efetividade na sua prática educativa.

No entanto, observamos que a desmobilização dos jovens em relação à educação escolar contrasta com sua mobilização em torno do universo da cultura. Assim, uma parcela da juventude, composta de grande variedade de jovens e de grupos juvenis, tem se associado em torno de linguagens e estilos culturais, bem como se dedicado a desenvolver e propor atividades de caráter cultural envolvendo outros jovens e pessoas, revelando capacidade de participação e de intervenção no espaço social. Muitos grupos juvenis se dedicam ainda à produção e à disseminação de informação e realização de trabalhos comunitários¹.

Mesmo não sendo realizadas por todos os jovens, essas iniciativas revelam novos campos de interesse da juventude que precisam ser mais bem conhecidos e apropriados pelas escolas. Ou seja, acreditamos que um caminho possível para superar este abismo entre os jovens e a escola consiste na aproximação e na compreensão do sujeito jovem e de seus interesses por parte da escola, e de uma articulação entre a educação escolar e o conjunto das experiências, interesses e demandas juvenis².

1

Em pesquisa realizada em 1999 junto a estudantes de sete escolas públicas da região metropolitana de São Paulo, constatou-se que 19,2% deles são membros de grupos juvenis e 11,2% não são membros, mas participam das atividades promovidas por estes grupos, números que somados perfazem mais de 30% do total de estudantes (Ação Educativa, 2002). O Mapa da Juventude, trabalho realizado pela Coordenadoria de Juventude da Prefeitura de São Paulo, cadastrou 1.609 grupos juvenis na cidade, destes 35,8% organizavam-se em torno de manifestações culturais (http://portal.prefeitura.sp.gov.br/cidadania/conselho-coordenadorias/coordenadoria_juventude). Já a pesquisa “Juventude: cultura e cidadania”, feita pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo, com jovens de nove regiões metropolitanas do Brasil e no Distrito Federal, apontou que 22% dos entrevistados têm algum tipo de envolvimento com grupos juvenis – 16% são membros e outros 6% acompanham as atividades desenvolvidas por estes (Revista *Teoria e Debate*, n.45, jul.-set., 2000).

2

Em pesquisa já citada, os estudantes apontaram as atividades que gostariam de ver ampliadas na escola. Um total de 30% dos estudantes citaram atividades como teatro, dança, vídeo, outros cursos, festas, debates, atividades extra classe, eventos, excursões, viagens e passeios; 14% citaram as atividades esportivas e 10% gostariam que houvesse mais liberdade, participação, respeito, amizade e união.

Foi nesse sentido que o Projeto, que será aqui chamado de Culturas Juvenis, foi proposto e desenvolvido por meio de parcerias com grupos juvenis e escolas públicas da região metropolitana da cidade de São Paulo.

O Projeto teve início em 1999, e sua primeira fase foi finalizada em 2000. As experiências e a metodologia utilizada nesses primeiros dois anos encontram-se no livro *O encontro das culturas juvenis com a escola*, publicado em 2001 pela Ação Educativa. Sua primeira fase também resultou num documentário produzido por grupos juvenis, chamado *Além da lousa. Culturas juvenis, presente!*³

Atualmente, o Projeto está em sua segunda fase (2001-2003) e promove a continuidade das iniciativas em duas escolas públicas que permaneceram, entre as sete inicialmente envolvidas em 1999.

Assim, desde 2001, a Ação Educativa mantém uma parceria com duas escolas públicas estaduais, uma localizada na cidade de São Paulo – Escola Estadual Virgília Rodrigues Alves de Carvalho Pinto – e outra na cidade de Embu – Escola Estadual Prof^a Eulália Malta – com o objetivo de ampliar suas experiências de diálogo com as culturas juvenis. A primeira oferece exclusivamente ensino médio, e a segunda abrange o segundo ciclo do ensino fundamental (5^a a 8^a séries) e o ensino médio. Ambas são escolas de “corredor”, ou seja, atendem jovens que moram em outros bairros.

O objetivo geral continua sendo: ampliar as condições para que a escola se torne positivamente mais significativa para os jovens, e, de forma mais específica, esta segunda fase busca ampliar o reconhecimento, por parte dos educadores, da legitimidade das culturas juvenis e dos jovens como interlocutores dotados de capacidade de ação e autonomia; ampliar a capacidade de os educadores dinamizarem a produção e a circulação cultural na escola e fortalecer a participação juvenil na elaboração e no desenvolvimento de projetos na escola.

Para alcançar esses objetivos, foram propostas diversas atividades, que serão relatadas a seguir.

A realização de intervenções verticalizadas em duas únicas escolas tem, para a Ação Educativa, um caráter experimental. Compreendemos que, para alcançar o objetivo proposto, não basta propor algumas atividades de manifestação das culturas juvenis na escola, é preciso atuar nas diversas dimensões do cotidiano da vida escolar, com um intenso envolvimento criativo por parte da comunidade escolar, particularmente dos educadores. Somente “mergulhando” no cotidiano escolar podemos, junto com os agentes escolares, identificar as potencialidades desperdiçadas, as condições favoráveis e os limites para sua efetivação.

E, dessa aprendizagem, podemos extrair indicações para a construção de políticas que favoreçam a constituição das unidades escolares como espaços de diálogo entre adultos e jovens e que possam adquirir novos significados para estes.

3

O livro e o vídeo podem ser encontrados na Ação Educativa (<http://www.acaoeducativa.org>).

Nenhuma proposta de aproximação entre a escola e os jovens pode ser realmente efetiva se não partir de uma reflexão dos educadores sobre a juventude e sobre a relação que mantêm com os jovens. Por isso, a primeira atividade do Projeto foi a realização de uma oficina de sensibilização para o tema da juventude com os professores das duas escolas, em que também se discutiu a relação entre os jovens e a escola e a elaboração de atividades culturais de aproximação com o universo juvenil.

Logo de início sentimos os impactos e os limites colocados pela estrutura de funcionamento e organização da escola pública.

Os professores que encontramos nas escolas em 2001 não eram os mesmos que haviam se envolvido na primeira fase do Projeto. A direção também havia mudado. A mudança nas equipes colocou a necessidade de refazer os pactos e o percurso iniciado em 1999, isso porque o envolvimento da escola com um projeto dessa natureza exige um comprometimento mínimo com os objetivos colocados e com as novas posturas e tarefas que dele derivam.

A oficina foi realizada nas próprias escolas, mas não foi fácil inseri-las na dinâmica regular da instituição. O HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) não era suficiente, e seria preciso utilizar o tempo de algumas aulas, o que implicava deslocar os professores da sala de aula.

Diante da necessidade de cumprir um calendário escolar rígido, as escolas tiveram dificuldades para abrir esse espaço de formação aos professores. Assim, a intenção inicial de realizar vinte horas de formação com os professores se mostrou inviável.

Em função da disponibilidade diferenciada de cada escola foi possível realizar seis horas em uma delas e nove horas na outra, envolvendo ao todo 45 professores.

Ao final de 2001, com os professores já mais “aquecidos” em relação ao tema juventude e escola, fizemos uma discussão com eles oferecendo cursos de capacitação em alguns meios de expressão e linguagens, que deveriam ser definidos de forma coletiva.

Essa proposta baseava-se numa compreensão de que a diversificação de linguagens é fundamental para a abordagem de novos conteúdos, ou mesmo de novos aspectos de conteúdos já trabalhados.

Foram levantadas, então, várias possibilidades, como dança, música, edição jornalística, mas a fotografia e o vídeo foram os que despertaram maior interesse. A imagem foi considerada um valioso instrumento para a aprendizagem dos jovens, pelo interesse que exerce sobre eles e também pela possibilidade de ser trabalhada de forma interdisciplinar.

■ Curso de fotografia

O curso teve uma carga horária de 36 horas em cada uma das escolas e envolveu um total de 21 educadores.

Teve como objetivo capacitá-los para a utilização de imagens na escola, possibilitando o processo de alfabetização visual dos estudantes por meio da leitura (consumo crítico) e da escrita (produção) de imagens.

A programação abordou: percurso histórico da imagem, poder e manipulação, câmera de orifício, uso e manuseio da câmera fotográfica (filtros, objetiva, composição), fotometragem, linguagem fotográfica e uso de câmeras digitais. O curso envolveu também a prática fotográfica e a edição de fotos.

Nas atividades práticas, foram disponibilizadas câmeras fotográficas e filmes para que os educadores fotografassem os estudantes, como forma de exercitar um novo olhar sobre os jovens, mediado pela câmera. Essas atividades geraram imagens para compor uma exposição fotográfica, que foi inicialmente organizada no prédio da Ação Educativa e depois enviada às escolas para recepcionar os alunos no início do segundo semestre de 2002.

Vários educadores relataram o forte impacto gerado pela iniciativa de fotografar os estudantes, pois estes reagiam ora com espanto, ora com satisfação e emoção ao se perceberem como objeto de interesse dos professores. Alguns contam que utilizaram mais de um filme, pois todos os estudantes pediam para serem fotografados.

“Na sala de aula, as fotos dos alunos trouxeram uma afetividade que abriu espaços para a intelecção” (professora)

“Os jovens gostam de ser valorizados e, quando eles percebem que são o centro das nossas atenções, tornam-se mais receptivos. Senti isso ao tirar as fotografias.” (professora)

A exposição das fotografias na escola, por sua vez, foi um momento importante em que os estudantes se viram retratados e valorizados por seus professores. As fotos geraram grande interesse e muitas perguntas por parte dos jovens, causando um movimento de aproximação entre eles e seus professores.

Ao final do curso, os professores demonstraram uma ampliação na utilização de imagens em sala de aula, tanto em relação à diversidade de tipos de imagens quanto à frequência. Os participantes também destacaram o aprimoramento do seu olhar em relação às imagens veiculadas pela mídia e consideraram o curso um estímulo e incentivo à criatividade dos professores.

“O uso da imagem em sala de sala sempre revoluciona de alguma maneira. Quebramos a rotina.” (professora)

■ Curso de linguagens audiovisuais

O curso teve carga horária de 40 horas em cada uma das escolas, envolvendo ao todo 14 educadores. Seu programa abordou as principais perspectivas e possibilidades de utilização do vídeo no contexto pedagógico, utilizando-o como modalidade de diálogo entre educadores e jovens de escolas públicas.

Foram exibidas e comentadas produções audiovisuais, realizados exercícios de análise de imagens, dinâmicas de utilização da câmera de vídeo e discussão de experiências que podem ser desenvolvidas junto aos estudantes.

Foram trabalhados subsídios metodológicos para a continuidade das atividades e o desenvolvimento de projetos nas escolas.

No decorrer das aulas, foram distribuídas fitas de vídeo para que os professores registrassem as programações selecionadas para serem trabalhadas em sala de aula com os alunos, compondo um pequeno acervo de imagens na escola. Os professores receberam também um guia de referência reunindo indicações de pesquisa, bibliografia, sites, museus, acervos de referência e instituições com programas especiais para professores.

Os exercícios práticos de captação de imagens resultaram em dois vídeos de aproximadamente cinco minutos de duração, retratando as atividades de hip-hop que ocorrem aos sábados na Escola Estadual Virgília R. A C. Pinto e as atividades de capoeira realizadas num ginásio vizinho à Escola Estadual Eulália Malta.

Observou-se que os professores desenvolveram uma percepção mais atenta e crítica dos programas televisivos, conseguindo conduzir discussões mais qualificadas e realizando exercícios de utilização de imagens, tais como filmes publicitários na sala de aula.

Por meio dos vídeos produzidos nos exercícios de gravação, os professores apropriaram-se de fundamentos da linguagem e das possibilidades para abordar temas relevantes para os jovens. Destacou-se também a integração entre os professores participantes, pelo convívio, pelas discussões em aula e pela produção coletiva dos vídeos.

O curso foi apontado pelos participantes como uma oportunidade para ampliar sua capacidade crítica de interpretar e analisar imagens, para reconhecer a força e a importância da imagem para o processo de ensino–aprendizagem e também para a relação afetiva entre professores e alunos.

Uma das professoras fez o seguinte relato acerca da experiência de gravação do vídeo:

“Quando fomos gravar a capoeira, encontrei um aluno que considerava um ‘picareta’, e, de repente, ele começou a dizer coisas ali, deu um depoimento que me mostrou um outro Cleiton. Agora estamos mais próximos, e ele lidera a sala positivamente. Faz dez anos que ele luta capoeira, uma forma que ele encontrou de resistir a uma série de dificuldades, inclusive de discriminação racial” (professora).

BALANÇO DAS FORMAÇÕES



AÇÃO EDUCATIVA

OS CURSOS DE FOTOGRAFIA E DE LINGUAGENS AUDIOVISUAIS SE MOSTRARAM RECURSOS IMPORTANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS DE APROXIMAÇÃO DA ESCOLA COM O UNIVERSO JUVENIL. NOVAS LINGUAGENS FAVORECEM A INTRODUÇÃO DE NOVOS CONTEÚDOS E NOVOS PONTOS DE VISTA. DE OUTRO LADO, A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO EDUCATIVA APARECEU FORTEMENTE, E O RECONHECIMENTO E A APROXIMAÇÃO ENTRE ESTUDANTES E PROFESSORES MOSTRARAM-SE IMPRESCINDÍVEIS PARA TRANSFORMAR AS RELAÇÕES DENTRO DA ESCOLA.

MAS OS CURSOS TAMBÉM ENFRENTARAM DIFICULDADES. A PRINCIPAL DELAS FOI A INDISPONIBILIDADE DE TEMPO DOS PROFESSORES. TENDO EM VISTA QUE ELES COSTUMAM LECIONAR EM MAIS DE UMA ESCOLA, COM HORÁRIOS ALTERNADOS DURANTE A SEMANA, NÃO SERIA POSSÍVEL REUNIR OS PROFESSORES NUM ÚNICO HORÁRIO. A ALTERNATIVA FOI REALIZAR OS CURSOS AOS SÁBADOS, O QUE PERMITIU A PARTICIPAÇÃO DE UMA PARTE DOS PROFESSORES, MAS DIFICULTOU A PARTICIPAÇÃO DE OUTRA PARCELA QUE TINHA COMPROMISSOS NESSE DIA.

OS CURSOS TIVERAM COMO DESDOBRAMENTO PROJETOS A SEREM ELABORADOS E IMPLEMENTADOS PELA EQUIPE DE PROFESSORES. PARA ISSO, FOI OFERECIDA UMA OFICINA DE ELABORAÇÃO DE PROJETOS AOS EDUCADORES DE CADA UMA DAS ESCOLAS, COM OITO HORAS DE DURAÇÃO, VISANDO FACILITAR O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS PROJETOS DE INTERVENÇÃO CULTURAL. DESTA OFICINA, RESULTOU UM ESBOÇO INICIAL DAS ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2002.

O esforço de elaboração de um projeto pelas escolas não foi fácil, pois a descontinuidade das equipes de um ano para outro dificultava a construção de vínculos entre os professores e a escola, gerando fragmentação na equipe. Isso, somado à escassez de espaços de reflexão coletiva entre os professores, tornava qualquer exercício de elaboração em grupo bastante difícil.

Para favorecer o trabalho, foi realizada uma oficina de jogos cooperativos com duração de quatro horas em cada escola. O objetivo era marcar o início de uma nova etapa, criando um espaço de entrosamento e aproximação entre os professores e a vivência lúdica de atitudes e práticas cooperativas que provocassem a reflexão sobre a necessidade de posturas colaborativas e solidárias entre jovens e professores no ambiente escolar.

Assim, mesmo com dificuldades, as escolas enfrentaram esse desafio e conseguiram elaborar os seus projetos de intervenção⁴. É necessário frisar que a Ação Educativa não levou receitas prontas, mas buscou provocar as equipes escolares para sua própria reflexão e ação.

4 | Foram destinados recursos financeiros para a realização dos projetos das escolas.

A Escola Estadual Virgília Rodrigues Alves de Carvalho Pinto elaborou o Projeto *Retratos* com o objetivo de “promover um trabalho integrado e solidário que possibilite aos profissionais de educação diminuir a distância entre os personagens da escola por meio da interdisciplinariedade do conhecimento e da criatividade dos jovens”⁵. Prevendo três etapas – *eu, a escola e o bairro* –, foi realizada uma primeira atividade de sensibilização nas salas de aula, envolvendo todos os professores, visando discutir as situações prazerosas e estressantes vividas pelos jovens no cotidiano escolar.

5 | O Projeto buscou integrar as novas propostas de atividades dentro e fora da sala de aula às atividades culturais de aproximação com as culturas juvenis que já eram desenvolvidas pela escola (oficina de hip-hop, atividades esportivas, oficina de teatro).

A professora de História exibiu o vídeo produzido pelos professores (*Hip-hop na escola*) em treze turmas e organizou um debate sobre a imagem que a sociedade tem dos jovens, o que trouxe à tona temas como preconceito, classes sociais, função da arte e importância da cultura para os jovens.

Algumas atividades estavam diretamente ligadas à prática em sala de aula, como aulas de Literatura e Arte por meio de imagens utilizando-se de transparências, retroprojektor e episcópio, produção de brinquedos infantis com sucata nas aulas de Arte, ensino de formas geométricas no cotidiano na disciplina de Matemática e ensino de óptica com desenho animado nas aulas de Física.

Os estudantes foram envolvidos numa pesquisa que resgatou a história da Escola Virgília e do bairro do Butantã. A fotografia foi amplamente utilizada pelos jovens em todo o processo de pesquisa. Durante uma semana, no final de 2002, os estudantes mostraram os resultados das pesquisas realizadas, com painéis de fotos, exibição de paródias sobre o bairro e apresentações de artistas da comunidade. Ao longo da semana, o grupo que participa das oficinas de hip-hop na escola também exibiu performances, e os alunos da oficina de teatro apresentaram uma peça.

As atividades ligadas à cultura hip-hop estão consolidadas como uma prática que já faz parte da escola, o que se deve principalmente à parceria feita com a Posse Suat (Sindicato Urbano de Atitude), coletivo que reúne diversos grupos ligados à cultura hip-hop. O hip-hop está presente não apenas nas oficinas de break e de grafite aos sábados, mas também em aulas quinzenais oferecidas no período noturno do horário regular, na participação dos jovens ligados às oficinas em todas as festividades escolares, em discussões feitas em sala de aula utilizando o vídeo *Hip-hop na escola*, e nas paredes do prédio escolar (uma das atividades realizadas pelos estudantes como parte do Projeto Retratos

foi a produção de painéis de grafite nos muros da escola, retratando o bairro e a comunidade). Uma oficina de teatro foi oferecida aos estudantes ao longo do segundo semestre de 2002 e resultou na montagem de um espetáculo. É importante ressaltar ainda que, ao longo de todo o ano, a escola praticou uma nova proposta curricular, dedicando duas aulas, a cada quinze dias, no período noturno, à realização de atividades culturais e desportivas variadas. Aulas de hip-hop, relaxamento, xadrez, campeonato esportivo foram algumas das atividades realizadas pelos alunos.

A Escola Estadual Prof^a Eulália Malta apresentou à Ação Educativa o Projeto Integração, que tem como objetivo geral “possibilitar espaços integrativos e dialógicos para aproximar os diferentes atores da escola” e como objetivos específicos “viabilizar uma proposta pedagógica integrativa a partir do tema do meio ambiente; criar espaços de discussão abrangendo temas de mútuo interesse; desenvolver atividades culturais e desportivas”.

Esta escola encontrou muitas dificuldades, tanto na elaboração quanto na implementação do seu projeto. Durante todo o ano de 2002, a escola ficou quase sem direção, e a equipe de professores permaneceu bastante desarticulada.

Uma das professoras mais diretamente envolvida no Projeto Culturas Juvenis afastou-se por motivos pessoais, gerando certa desestruturação das atividades culturais até então desenvolvidas. A aproximação e o envolvimento entre os demais professores e a equipe técnica com o Projeto foram gradualmente fortalecidas.

A escola conseguiu finalizar o Projeto e iniciar algumas atividades. As aulas de História foram dinamizadas com a confecção, pelos alunos, de painéis artísticos referentes à pintura no Mundo Antigo (Egito, Grécia, Creta e Roma).

Os painéis foram elaborados por equipes de alunos do segundo ano do ensino médio e ficaram expostos para toda a escola e também para a comunidade.

Um professor eventual da área de Física propôs a formação de um grupo de alunos para montar um telescópio na escola. Foram ministradas aulas teóricas sobre princípios da astronomia, leis de Kepler, gravitação universal e óptica geométrica. O grupo fez pesquisas pela internet, buscando informações sobre os materiais necessários para o telescópio, e procurando conhecimentos, na medida em que as dúvidas e os desafios se colocavam. Segundo o professor:

“O maior orientador desses alunos foi a curiosidade de querer aprender algo novo, e seu empenho em concluir algum projeto além da lousa na área de exatas.”

Os professores de História e Geografia se uniram num projeto interdisciplinar sobre o meio ambiente e a realidade da cidade de Embu das Artes. Os alunos visitaram a Prefeitura, conversaram com os gestores das políticas municipais e discutiram a política de meio ambiente implantada na cidade conforme o Plano Diretor. Foi abordada a questão do lixo e seu impacto ambiental, entre outros. Alguns grupos de alunos entregaram trabalhos de pesquisa por escrito e um grupo apresentou uma maquete.

Nas aulas de Português, o trabalho com imagens fotográficas em um jogo criado pela professora dinamizou os exercícios de produção de texto pelos estudantes.

Ofereceu-se aos estudantes uma oficina de decoração em que se aprendeu a confeccionar enfeites para festas. Para expor os trabalhos realizados, foi organizada uma Festa Tropical, que envolveu toda a escola.

Além disso, um grupo de desenho e animação formado por estudantes e não-estudantes, apoiados pela escola e pela Ação Educativa,

continuou a desenvolver seus trabalhos numa sala-estúdio organizada para eles dentro da escola, oferecendo duas oficinas de desenho aos demais alunos.

Fortalecendo a participação juvenil

Um dos objetivos do Projeto Culturas Juvenis é fortalecer a participação juvenil na elaboração e no desenvolvimento de projetos nas escolas. Na primeira fase do Projeto, foi utilizada a estratégia de constituir nas escolas grupos ampliados, compostos por alunos, professores e comunidade, que elaborassem coletivamente projetos de diálogo da escola com as culturas juvenis.

No entanto, quando o Projeto foi retomado na segunda fase, os grupos estavam totalmente desarticulados e apresentaram inúmeras dificuldades de funcionamento. A diversidade de composição do grupo colocou a necessidade de conciliar os diferentes horários e as disponibilidades dos participantes. Além disso, a estrutura de funcionamento escolar é demasiadamente rígida e não permitiu a consolidação sistemática deste espaço nas escolas. Embora tenha sido possível realizar reuniões com grande número de pessoas entre pais, professores e estudantes, a composição do grupo não conseguia se manter no tempo com organicidade e sistematicidade.

Isso nos faz refletir a respeito de quais seriam as melhores estratégias para garantir espaços de diálogo e de construção coletiva na escola. Consideramos que a criação de um grupo como este exigiria um nível de amadurecimento e democratização da gestão escolar para o qual a maioria das escolas não está preparada. Ou seja, talvez se fizesse necessário um trabalho específico no âmbito da democratização da gestão para que o grupo ampliado pudesse se estabelecer como um desdobramento dessa diretriz política. A criação e a manutenção do grupo ampliado precisam entrar na órbita de decisão e de ação política das unidades escolares para que tenha sustentabilidade.

Diante dessas dificuldades, optamos por acionar os dispositivos de diálogo que já fazem parte da rotina escolar, além de ampliá-los. Um deles é a representação discente. Ambas as escolas parceiras possuem estudantes representantes de sala, que são o elo de ligação entre a sala e a equipe de direção, os professores e os funcionários.

No entanto, a comunicação entre equipe escolar e estudantes é muito precária, geralmente se limita a divulgar informações para o conjunto dos alunos e não possui nenhuma sistematicidade. Visando melhor qualificar a relação e o diálogo entre representantes de sala de um lado, e educadores de outro, apoiamos as escolas para que potencializassem este canal.

■ Capacitação dos representantes de sala

Ofereceu-se uma oficina aos representantes de sala das duas escolas, como espaço para refletirem sobre seu papel, sobre o mecanismo da representação democrática e para discutirem o direito dos estudantes à participação e para conhecerem melhor os espaços de decisão da escola. Ao final da oficina, os representantes elaboraram um conjunto de propostas a serem apresentadas e negociadas com a direção, a coordenação pedagógica e os professores.

PROPOSTAS ELABORADAS PELOS REPRESENTANTES DE SALA

ESCOLA VIRGÍLIA R. A. DE C. PINTO



AÇÃO EDUCATIVA

1ª META

ESTABELECEER UM DIÁLOGO E UMA COMUNICAÇÃO EFETIVOS ENTRE REPRESENTANTES E COORDENAÇÃO E DIREÇÃO

QUALIFICAR O PAPEL DOS REPRESENTANTES E ALARGAR SEU ESPAÇO DE PARTICIPAÇÃO E DE PODER DENTRO DA ESCOLA

- REUNIÕES DOS REPRESENTANTES COM A COORDENAÇÃO COM A FINALIDADE DE DEFINIR A FUNÇÃO ATIVA DO REPRESENTANTE POSSIBILITANDO SUA PARTICIPAÇÃO EFETIVA
- REUNIÃO MENSAL COM A DIREÇÃO, OS COORDENADORES E OS REPRESENTANTES
- MAIOR VÍNCULO REPRESENTANTE — DIREÇÃO PARA QUE OS ALUNOS POSSAM CONHECER SEUS DIREITOS E A DIREÇÃO POSSA CONHECER AS NECESSIDADES E OPINIÕES DOS ALUNOS
- DIREÇÃO SE APROXIMAR E CONHECER MELHOR OS REPRESENTANTES, O QUE FAZEM E DEVEM FAZER, PARA QUE HAJA UM DIÁLOGO MAIS ABERTO E RESPEITO MÚTUO
- MAIS PODER AOS REPRESENTANTES PARA QUE POSSAM FAZER PROPOSTAS E PARTICIPAR DAS DECISÕES
- QUE O REPRESENTANTE POSSA SUGERIR ATIVIDADES, ASSIM COMO AS SALAS DE AULA, TANTO PARA SEREM REALIZADAS PELOS PROFESSORES QUANTO IDÉIAS DE PROJETOS A SEREM REALIZADOS PELOS ALUNOS

2ª META

AMPLIAR A DISCUSSÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NA ESCOLA

- TEATRO COM FUNDO CRÍTICO QUE ABORDE A FALTA DE PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS NA ESCOLA
- CONVOCAÇÃO PARA PALESTRAS, QUE ABORDEM OS INTERESSES GERAIS DA ESCOLA, DIRIGIDAS À DIREÇÃO, ALUNOS E REPRESENTANTES
- NEGOCIAÇÃO DOS REPRESENTANTES COM OS PROFESSORES PARA QUE ABRAM ESPAÇOS EM SUAS AULAS PARA A DISCUSSÃO DE PROBLEMAS DA ESCOLA
- CARTAZES CHAMANDO ATENÇÃO DOS ALUNOS PARA OS ASSUNTOS GERAIS DA ESCOLA (QUEM FAZ ALGUMA REUNIÃO FICA COM A RESPONSABILIDADE DE DIVULGAR AS DECISÕES/ INFORMAÇÕES)
- DIVULGAÇÃO PARA OS ALUNOS INTERESSADOS NO CONSELHO DE ESCOLA
- ELABORAÇÃO DE JORNAL DA ESCOLA PARA QUE AS INFORMAÇÕES POSSAM CIRCULAR

3ª META

MELHORAR A RELAÇÃO ENTRE OS REPRESENTANTES DE SALA E OS ALUNOS (REPRESENTANTES—REPRESENTADOS)

- MARCAR REUNIÕES TODOS OS MESES, POR PERÍODO, PARA OS ALUNOS FALAREM SOBRE A SUA CLASSE, SEUS PROBLEMAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES
- MOSTRAR AOS ALUNOS QUE DEFENDEMOS OS DIREITOS DELES
- CONSULTAR/DEBATER COM OS ALUNOS OS PROBLEMAS DA ESCOLA
- INCENTIVAR OS ALUNOS A LUTAREM POR UMA ESCOLA MELHOR
- PROMOVER REUNIÕES PERIÓDICAS COM OS ALUNOS
- CONSCIENTIZAR OS ALUNOS SOBRE A PRESERVAÇÃO DA ESCOLA
- MOSTRAR OS RESULTADOS DO TRABALHO FEITO PELOS REPRESENTANTES
- DISCUTIR TODAS AS PROPOSTAS CITADAS EM CADA SALA DE AULA

Os passos mais importantes estão se dando após a realização da oficina, pois a formação dos representantes, por si só, não é capaz de gerar a participação, mas é preciso disposição e vontade política da escola para que isso aconteça.

Nas duas escolas foram organizadas reuniões entre os representantes e os educadores para negociar as propostas e encaminhá-las na prática. As reuniões foram tensas e abordaram aspectos importantes da definição do papel do representante discente. Alguns professores manifestaram seu desejo de que os representantes atuassem de acordo com os interesses da escola como um todo, e os estudantes confrontaram-se com esta visão, marcando seu papel como representantes sobretudo dos estudantes, devendo manter um diálogo ativo entre estes, os professores e a direção da escola.

Houve um debate, de fato, sobre quais seriam as funções do representante na visão dos vários segmentos da escola. Isso deixou claro que tanto estudantes quanto professores não costumam discutir o exercício da participação e da democracia interna das escolas, e que essa prática tem grande importância para promover um maior espaço de participação juvenil dentro das escolas. Mas se a representação implica um movimento de negociação com os adultos da escola (direção, coordenação pedagógica e professores), ela também envolve um diálogo entre os representantes e seus representados (os alunos). Por isso, as escolas estão também se organizando para planejar momentos em que os representantes discutem com a sua sala de aula as propostas elaboradas e outros assuntos que dizem respeito à vida escolar.

Estabelecer este espaço de exercício democrático exige planejamento e intencionalidade por parte da escola, além de disposição para contornar os obstáculos colocados por uma organização com funcionamento rígido e cuja estrutura, por diversas maneiras, dificulta esse tipo de iniciativa⁶.

É preciso lembrar que ninguém nasce sabendo participar. Este é um aprendizado que precisa ser construído, não só pela escola mas também por ela, o que implica discutir o tema da cidadania ligado ao exercício democrático interno nas escolas, e não como algo abstrato colocado apenas no âmbito macropolítico. O apoio a este processo de diálogo ainda está sendo realizado, mas já podemos apontar sua importância, tanto para os estudantes que hoje conseguem estabelecer outro tipo de relação com a escola e maior compromisso com seu papel de representante quanto para a escola, que, por meio deste canal, tem tornado mais eficaz sua comunicação com os estudantes.

■ Apoio a projetos dos estudantes

Uma outra estratégia adotada para incentivar e ampliar a participação dos jovens dentro da escola foi a realização de um concurso de projetos dos estudantes. O diálogo com os alunos para diagnosticar dificuldades e problemas da escola já vinha sendo feito, mas faltava incentivo para que os alunos também pudessem usar sua criatividade na busca de propostas para fazer diante desses problemas. Nesse sentido, foi organizado um concurso para que, em grupos de pelo menos quatro pessoas, os estudantes propusessem atividades.

Numa das escolas foram elaboradas 105 propostas, das quais foram selecionadas quatro que contariam com recursos para serem implementadas⁷. Na outra escola foram elaboradas cerca de 35 propostas, e também selecionadas quatro⁸. Os grupos de alunos selecionados tiveram que estruturar sua proposta, estabelecendo objetivos, atividades, prazos e orçamento. Numa das escolas, dois grupos já estão implementando suas ações, e na outra o processo ainda está se iniciando.

6

Por exemplo, para que os estudantes discutam com suas salas de aula, é preciso suspender algumas aulas, o que geralmente depende da autorização do professor. Outra dificuldade é que as reuniões entre os representantes têm de acontecer no período de aula, e, ao se ausentarem, acabam perdendo aulas, o que enfrenta resistência por parte dos professores.

7

As propostas selecionadas foram:
1) criação de um grupo de estudos pré-vestibular formado pelos alunos da escola;
2) dinamização de um espaço abandonado da escola para criação de um solário, aberto à circulação dos alunos e que será um espaço de convivência;
3) Festa das Décadas, envolvendo todas as salas de aula e diversas matérias em atividades de pesquisa sobre as diferentes décadas do século XX e apresentação de suas produções;
4) elaboração de jornal da escola.

8

As propostas selecionadas foram:
1) festival de música na escola;
2) atividades esportivas variadas dentro da escola;
3) sessões de cinema na escola;
4) teatro na escola.

Outros desdobramentos do Projeto

Além das duas escolas, o Projeto também envolveu educadores de outras unidades por meio da oficina Culturas Juvenis e Escola, realizada em parceria com a Diretoria de Ensino Leste 1^o. Foram 16 horas de capacitação envolvendo 28 professores, representantes de 28 escolas da zona leste. Entre as atividades desenvolvidas destacam-se: o resgate das memórias de juventude dos professores, entrevistas com estudantes integrantes de grupos juvenis, realização de atividades experimentais em sala de aula, cujos resultados foram compartilhados no âmbito da oficina, leitura de textos e dados sobre a situação atual da juventude. Ao final da oficina, os educadores propuseram uma continuidade, com a formação de um grupo de trabalho ligado ao tema da juventude. Essa proposta foi aceita, e o grupo tem realizado reuniões quinzenais, com apoio da Diretoria de Ensino, que libera o ponto do professor para que possa participar dessa atividade.

Neste momento, os professores estão elaborando uma pesquisa para mapear os grupos juvenis da escola e para conhecer suas expectativas e desejos em relação a ela. O objetivo é que esse levantamento seja subsídio para o planejamento das escolas no próximo ano, prevendo atividades com os grupos juvenis. Ainda é cedo para avaliar esta iniciativa, mas ela já aponta para um maior espaço de reflexão e de proposição dos professores da região, e poderá gerar um conjunto de experiências articuladas de diálogo das escolas com o universo juvenil na zona leste da cidade de São Paulo.

Alguns aprendizados

Antes de indicar os aprendizados e os desafios do Projeto, vale lembrar que ele ainda não foi finalizado. As ações ainda estão acontecendo nas escolas e, no momento em que publicamos este texto, estamos coletando dados para a elaboração de uma avaliação mais sistemática. Podemos dizer que o Projeto tem apresentado alguns resultados bastante positivos, e tem experimentado inovações que vêm se mostrando promissoras diante do objetivo de ampliar o diálogo entre o “mundo da escola” e o “mundo dos jovens”.

O trabalho na formação de educadores visando alargar sua visão a respeito do sujeito jovem e de seus variados campos de expressividade, bem como sobre a necessidade de estabelecer diálogos com o mundo juvenil, se mostrou uma estratégia importante, já que esse tipo de discussão geralmente está ausente do universo escolar. Além disso, a formação em fotografia e vídeo teve o objetivo de agregar algumas competências aos educadores para que pudessem propor atividades diferenciadas e interessantes visando dinamizar o trabalho formativo com os jovens.

Os professores mostraram-se abertos às iniciativas, apontando que faltam em seu cotidiano instrumentos concretos para que desenvolvam um trabalho mais envolvente com os jovens. Um desses instrumentos é certamente uma formação em serviço que lhes permita melhor compreender as mudanças na relação que os jovens estabelecem com a escola e que lhes prepare para interagir com essas novas realidades. Em geral, as capacitações não abordam as questões do mundo juvenil e não consideram as dificuldades que os professores enfrentam na relação com os estudantes, ou seja, não abordam a dimensão dos relacionamentos na escola. Esse aspecto assume centralidade nas preocupações dos professores que estão ensinando os jovens e que buscam se preparar melhor para esta tarefa.

9

Órgão ligado à Secretaria Estadual de Educação, responsável pela orientação e pela supervisão das escolas estaduais de uma determinada região geográfica.

A estratégia de atuar na formação de professores está conjugada à criação de um campo de experimentação de projetos e de atividades, buscando uma aproximação com o universo juvenil e suas linguagens. Cada escola construiu aquilo que, de acordo com sua realidade e seu contexto, pareceu importante e possível, por isso a variedade dos tipos de atividade foi grande. A Ação Educativa não levou idéias e atividades prontas, mas apostou na capacidade e na autonomia das escolas para elaborar seus próprios projetos.

Como o Projeto Culturas Juvenis possui caráter experimental, era importante verificar os caminhos trilhados em cada escola, assim como acompanhar a interação dos jovens com as propostas e com as atividades.

O que pudemos aprender com o conjunto de experiências gerado pelas duas escolas é que as atividades, sejam elas culturais, artísticas, esportivas ou comunicativas, quando partem do interesse expresso pelos jovens alunos, contam com alto grau de adesão e um grande potencial para transformar a relação dos jovens com a escola, seja em relação aos conteúdos das disciplinas específicas, seja em relação à própria visão e vínculo que mantêm com a instituição escolar e seus professores.

Os professores e jovens envolvidos relatam que as atividades possibilitaram uma aproximação entre eles e, no caso das oficinas, deram espaço para a troca de papéis, pois muitos estudantes naquele momento se tornaram educadores de alguma habilidade. A criação de situações que permitam um abandono temporário dos papéis é de fundamental importância numa instituição em que os relacionamentos humanos se dão pelos papéis cristalizados de professor e aluno, cujas representações, de ambos os lados, têm sido muito carregadas de mágoas e conflitos.

Para compreender melhor os alunos jovens, é preciso criar situações em que eles sejam apreendidos e ouvidos como sujeitos integrais, com suas dúvidas e angústias diante da vida, mas também com suas demandas e idéias para enfrentá-las. Os professores, por sua vez, também precisam ser vistos como sujeitos integrais, com dúvidas e necessitados de apoio e de diálogo para enfrentá-las. Construir esse diálogo de forma franca e compreensiva parece ser a principal tarefa a ser enfrentada para transformar as relações humanas entre jovens e adultos dentro da escola.

Mas se o Projeto teve conquistas, ele também enfrenta dificuldades. A principal delas é a relação com o funcionamento e a estrutura escolar. Às vezes propomos experiências interessantes e inovadoras sem observar que, dependendo do grau de mudança contido na proposta, ela simplesmente não se sustenta em escolas tradicionais, e implicam movimentos anteriores, de democratização da própria gestão escolar.

Para que as mudanças propostas sejam efetivas, é preciso que a escola e seus sujeitos assumam ativamente a definição das ações e dos caminhos, e consigam construí-los coletivamente. Se as iniciativas das organizações não-governamentais, externas à escola, se colocam como pacotes de ações, cuja condução se dá também externamente, há poucas chances de mudança efetiva. O que podemos conseguir, no máximo, são ações bem organizadas durante um tempo, mas que se desestruturam tão logo as ONGs saiam de cena.

Nossas conquistas e dificuldades no âmbito do Projeto Culturas Juvenis estão ligadas à busca da construção coletiva, de parceria e negociação com os atores escolares. Não levar propostas prontas e acabadas abre espaço para maior participação das escolas, mas também implica maior trabalho e empenho por parte delas. As duas escolas apresentaram dificuldades para exercer essa participação e essa construção ativamente. Muitas dessas dificuldades estiveram ligadas à instabilidade nas equipes, tanto de professores que se renovavam a cada ano quanto da direção das escolas¹⁰.

Este dado da estrutura escolar impactou de forma bastante negativa o Projeto. Mesmo assim, continuamos acreditando no caminho da construção coletiva como forma de desenvolver os projetos e a relação de parceria com as escolas.

O Projeto buscou gerar iniciativas de aproximação das escolas com as culturas juvenis, não se limitando às atividades extra-escolares e aos finais de semana. Entendemos que é fundamental considerar as novas demandas da população juvenil na própria estrutura curricular, e por isso atuamos na capacitação de professores para que possam dinamizar também as atividades em sala de aula.

No entanto, é preciso reconhecer que justamente nesse âmbito se concentram as maiores dificuldades. A formação inicial dos professores como transmissores de conteúdos específicos, sobretudo os do ensino médio, as pressões de um vestibular altamente seletivo e excludente e as representações do ensino médio como nível de ensino acadêmico dificultam sobremaneira a reestruturação das atividades de ensino–aprendizagem e sua dinamização no sentido de dialogar com os interesses e as culturas juvenis.

As atividades culturais realizadas fora do período das aulas, embora enfrentem dificuldades dentro da estrutura escolar, são mais factíveis, pois nem sempre envolvem diretamente os educadores e a rotina regular da escola.

Sendo assim, vemos que a tarefa não é fácil e não se esgota no raio de ação da escola. Há mudanças necessárias e essenciais que remetem ao campo da política educacional e da formação dos professores, sem as quais dificilmente poderemos alcançar a abrangência e a profundidade necessárias para as mudanças desejadas.

Um outro aspecto a ser considerado quando discutimos a relação da escola com os jovens é a pouca visibilidade do tema juventude nas escolas. Os professores conhecem muito pouco sobre a condição biopsicossocial dos jovens, sobre como se dá seu processo de aprendizagem. O assunto é pouco presente nos cursos de Pedagogia e de licenciatura. Os sujeitos mais bem conhecidos nesse sentido são as crianças. Talvez daí decorram as dificuldades para ampliar a participação e a voz ativa dos jovens na escola. Adultos, educadores e funcionários acabam reproduzindo na relação com os jovens, a relação de tutela que estabelecem com as crianças. Há também uma forte tendência para a infantilização dos sujeitos. A cristalização dos papéis de aluno e professor em bases de subordinação também coloca empecilhos para o reconhecimento da capacidade e da autonomia juvenis. Talvez possamos dizer que ocorre, no nível da escola, a reprodução de relações intergeracionais que se colocam na sociedade como um todo. Mas a escola, em vez de transformar tais relações, tende a reforçá-las, utilizando pouco seu potencial transformador.

10

Cada uma das escolas parceiras desse projeto tiveram cinco diretores diferentes no período de dois anos. Além disso, na transição entre um e outro, houve períodos em que as escolas ficaram sem direção.

Acreditamos que é preciso construir novas bases para o relacionamento dos adultos com os jovens nas escolas. A participação juvenil ganha sentido como forma de concretizar a gestão democrática, mas também como uma necessidade de garantir voz aos sujeitos da escola, que recebem determinado tipo de educação e possuem condições e autonomia para refletir sobre ela. Não significa transferir aos jovens a inteira responsabilidade pela definição do que precisam e desejam aprender, mas de criar novos patamares de negociação, de diálogo e de troca entre sujeitos jovens e adultos. Quem ganha com esse diálogo? Não só os jovens, mas os adultos, as escolas e a democracia brasileira.

Bibliografia

DAYRELL, Juarez. *Juventude e escola*. In: SPOSITO, Marília Pontes. *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: Inep, 2002.

AÇÃO EDUCATIVA. *Perfil dos jovens estudantes de sete escolas públicas*. São Paulo, 2002, mimeo.

CORTI, Ana Paula; FREITAS, Maria Virgínia de; SPOSITO, Marília Pontes. *O encontro das culturas juvenis com a escola*. São Paulo: Ação Educativa, 2001.